
**Reflectindo Sobre a Situação dos
Programas e Organizações que
Empregam do Método Reflect em
Moçambique**

Roberto Luís e Alice Cambula
[Outubro de 2010]

Conteúdos

Acrónimos	1
1. Introdução.....	2
1.1 Antecedentes	2
1.2 Objectivo Geral do Estudo	2
1.3 Metodologia.....	3
1.3.1 Técnicas usadas.....	3
1.3.2 Selecção das instituições participantes no estudo	4
1.3.3 Limitações	4
2. O Reflect e Sua Evolução no Mundo.....	4
2.1 O que é o Reflect.....	4
2.2 A abordagem Reflect-Action (RA): génese e desenvolvimento.....	5
2.3 As aplicações do Reflect.....	7
3. O Reflect em Moçambique	7
3.1 Introdução do Reflect em Moçambique.....	7
3.2 Abordagens participativas mais usadas no país	7
3.3 Organizações que usam o Reflect: quem são, onde se localizam?	9
3.4 Principais usos/aplicações do Reflect em Moçambique	10
3.5 Círculos do Reflect	11
3.6 Os Participantes	12
3.6.1 Panorama.....	12
3.6.2 Desafios.....	14
3.7 Os Facilitadores.....	14
3.7.1 Panorama	14
3.7.2 Desafios e Oportunidades.....	16
3.8 Material de Apoio	17
3.8.1 Panorama	17
3.8.2 Desafios e Oportunidades.....	18
3.9 Estruturas e sistemas de apoio ao funcionamento do Reflect	19
3.10 O impacto do Reflect no desenvolvimento local.....	20
3.11 Quem financia o Reflect?.....	21
3.12 Principais Desafios e Oportunidades do Reflect em Moçambique	21
4. Conclusões e Recomendações	22
4.1 Conclusões	22
4.2 Recomendações	24
Referências.....	26
Anexos.....	27
Listas de pessoas & instituições contactadas	27

Acrónimos

AEA	Alfabetização e Educação de Adultos
CCM	Conselho Cristão de Moçambique
CIRAC	Círculo Internacional do Reflect-Acção
DFID	Departamento para o Desenvolvimento Internacional
DINAEA	Direcção Nacional de Alfabetização e Educação de Adultos
DPEC	Direcção Provincial de Educação e Cultura
DRP	Diagnóstico Rápido/Rural Participativo
HM	Homens e Mulheres
M	Mulheres
ODA	Administração do Desenvolvimento do Ultramar
ONGs	Organizações Não-Governamentais
RA	Reflect-Acção
RAEJA	Rede de Advocacia, Aprendizagem e Educação de Jovens e Adultos
REFLECT	Alfabetização Freireana Regenerada através de Técnicas de Potencialização Comunitária
UATAF	Unidade de Assistência Técnica de Alfabetização Funcional

1. Introdução

1.1 Antecedentes

O Método *Reflect* (*Literacia Freireana Regenerada através de Técnicas Comunitárias de Empoderamento*) trouxe nas últimas duas décadas uma das inovações mais importantes nos programas de alfabetização e literacia de jovens e adultos, registando, assim, um desenvolvimento e uso cada vez mais maior. Actualmente, a abordagem *Reflect* é empregue por mais de 500 organizações que operam em mais de 70 países incluindo Moçambique.

O *Reflect* foi concebido para responder às deficiências dos programas de literacia tradicionais, tendo sido inicialmente introduzido se através de três projectos-piloto no Uganda, El Salvador e Bangladesh, no início da década noventa. O fundamento conceptual do *Reflect* consiste em juntar o pensamento teórico do brasileiro Paulo Freire com as metodologias de visualização práticas desenvolvidas no âmbito da *Abordagem da Avaliação Rural Participativa*. Esta conceptualização inicial está sempre a evoluir. Dependendo do contexto, os profissionais conseguem expandir o foco inicial onde se regista maior preocupação com o empoderamento, governação, direitos ou objectivos de desenvolvimento mais abrangentes para causar ainda maior impacto.

Em reconhecimento da sua eficácia, o Método ganhou o Prémio de Literacia da ONU em 2003, 2005, 2007 e 2008. As avaliações indicam que o Método *Reflect* tem tido sucessos porque consegue ligar o processo de aquisição de habilidades de literacia com o processo de empoderamento individual e de comunidade. Portanto ela não é apenas uma metodologia para a aprendizagem, é também metodologia para a mudança social.

Em Moçambique, existem várias organizações da sociedade civil que empregam ou empregaram o método *Reflect* e o Ministério da Educação adoptou-o como um dos métodos na sua estratégia da luta contra o analfabetismo. Apesar destes esforços, há pouca partilha de informação sobre a eficácia do método e pouco se sabe sobre as organizações que utilizam a abordagem *Reflect*. O futuro do uso da abordagem *Reflect* no país não é sobejamente conhecido.

Foi neste contexto que a dvv international em Moçambique encomendou um trabalho de consultoria com vista a trazer o estado actual do *Reflect* em Moçambique, do qual resultou o presente relatório.

1.2 Objectivo Geral do Estudo

O estudo visa fornecer aos interessados informação geral sobre a situação do uso do método *Reflect* em Moçambique, principais actores, sucessos, desafios e perspectivas.

Assim, em termos específicos o relatório do estudo apresenta:

- Informação histórica da experiencia da aplicação do *Reflect* em Moçambique;

- Dados sobre as organizações chave que empregam o método no país;
- Uma apreciação do desempenho, nível de interesse e motivação do uso do método;
- O nível de coordenação e troca de experiência entre os vários intervenientes
- Os melhores passos a tomar rumo a uma melhor coordenação de acções

1.3 Metodologia

1.3.1 Técnicas usadas

O estudo, que decorreu nos meses de Agosto e Setembro de 2010, empregou os seguintes métodos:

- Revisão documental
- Entrevistas /grupos de foco
- Visitas de campo (aos locais dos utentes)

A **revisão documental** consistiu na leitura do *Mother Manual*, publicações de materiais ligadas a inovações, aplicações, relatórios de avaliações, simpósios e workshops realizados em Moçambique, África e no mundo em geral.

Entrevistas /grupos focais: foram entrevistados representantes ao nível central, provincial e de projectos usando o *Reflect*, usando um guião previamente elaborado. A tabela que se segue indica o nível, tipo de instituição e os representantes das instituições entrevistadas em cada nível.

Nível	Tipo de Instituição	Representantes Entrevistados (as)
Central	Ministério da Educação Sedes de Organizações Não-Governamentais (ONGs) Nacionais e Internacionais	Pessoal da Direcção Nacional de Alfabetização e Educação de Adultos (AEA) Representantes e coordenadores nacionais de educação/alfabetização
Provincial	Direcções Provinciais de Educação Delegações Provinciais de ONGs	Chefes das Repartições de AEA Representantes e coordenadores provinciais de educação/alfabetização
Projecto	Programas de <i>Reflect</i>	Coordenadores (as) de projectos do <i>Reflect</i>

Instituições cobertas pelo estudo

Foram efectuadas **visitas de campo** a alguns círculos do *Reflect* para aferir junto dos participantes, facilitadores e supervisores alguns aspectos e suas percepções dos projectos do *Reflect* em que eles se encontram envolvidos.

1.3.2 Selecção das instituições participantes no estudo

O estudo procurou quanto possível reunir dados e informação sobre todas as instituições que implementam o *Reflect* em Moçambique. Entretanto, por razões da necessidade de um uso racional de recursos (tempo e fundos), apenas algumas instituições foram contactadas para delas se obter informação mais aprofundada sobre a sua experiência na implementação dos seus programas de *Reflect*. Deste modo, foram entrevistadas:

- A Direcção Nacional da Alfabetização de Alfabetização e Educação de Adultos
- Uma organização em cada província usando-se um guião previamente elaborado
- O Chefe da Repartição da AEA para a obtenção de dados sobre o *Reflect* na província
- Um representante da organização implementando um programa *Reflect*

Os critérios usados para a selecção das organizações participantes no estudo foram assegurar uma representatividade de organizações nacionais e internacionais envolvidas na implementação do *Reflect* em Moçambique e a sua disponibilidade de partilhar informação e sua experiência.

1.3.3 Limitações

A principal limitação do presente trabalho prende-se com a dificuldade de acesso aos responsáveis pelos projectos do *Reflect* e disponibilidades de dados actualizados e sistematizados de fácil consulta e oferta aos interessados. Nem sempre foi possível encontrar as pessoas responsáveis pelas repartições de AEA nas províncias, ou as pessoas de contacto para o *Reflect* nas organizações; razão pela qual o presente estudo não é exaustivo quanto a número de organizações e consequentes números de círculos, participantes e facilitadores. E, quando era possível contactá-los, nem sempre estes se encontravam nas direcções provinciais onde pudessem ter acesso aos dados sobre os programas e organizações que implementam programas do *Reflect*.

2. O Reflect e Sua Evolução no Mundo

2.1 O que é o Reflect

Reflect significa - Alfabetização Freireana Regenerada através de Técnicas de Empoderamento que consiste na combinação da teoria de Paulo Freire com a prática de Diagnóstico Rápido Participativo (DRP). O objectivo principal do programa de *Reflect* é alfabetizar as comunidades, potenciando-as através de técnicas participativas de fazer análises críticas sobre as condições de suas vidas e procurar possíveis soluções dos problemas existentes. Este objectivo concorre para o empoderamento dos alfabetizandos, tornando-os capazes de participar no processo de tomada de decisões sobre aspectos sociais, económicos e políticos que fazem parte do seu quotidiano (Archer & Cottingham, 1997);

Os programas do *Reflect* centram-se na abordagem não-formal e usam a língua mais conhecida/falada pelos participantes como meio do processo de ensino-aprendizagem. Não existe um programa de ensino centralmente elaborado. Este é normalmente concebido pelos facilitadores a partir dos problemas diagnosticados pelos facilitadores na comunidade, através do uso das técnicas participativas. A aprendizagem da leitura e escrita desenvolve-se a partir de palavras-chave emanadas das discussões dos participantes sobre os problemas locais previamente identificados; acontecendo o mesmo em relação à numeracia que é tratada em estreita ligação e pertinência às questões abordadas nas discussões pelos participantes.

No programa *Reflect* os *alfabetizandos* têm a designação de *participantes* e os alfabetizadores, a de facilitadores. O conceito de *turma* é substituído por *círculo*, aliás a forma como os participantes se dispõem e participam durante as sessões. Um curso de *Reflect* está dividido em unidades. Cada unidade compreende a análise dum problema a partir dum elemento gráfico (mapa, matriz, diagrama, etc.), uma canção, conto ou provérbio para o qual se procura uma solução que termina com um decisão de acção ou inacção pelos participantes. As acções geralmente estão ligadas ao *empoderamento* quer para uma maior e equitativa participação na tomada de decisões quer económico.

2.2 A abordagem Reflect-Action (RA): génese e desenvolvimento

O *Reflect-Action* é uma abordagem que surgiu com a proposta de alfabetização de adultos, a partir de uma perspectiva de problematizar as relações de poder e de percepção social da realidade. Esta abordagem teve início em Outubro de 1993, quando a ONG ActionAid iniciou um projecto de pesquisa-acção para examinar o uso das relações entre técnicas de Diagnóstico Rápido Participativo (DRP) e a Educação Popular, onde então a sigla REFLECT tomou seu significado como: “Alfabetização Freireana Regenerada através de Técnicas de Empoderamento Comunitário”.

A primeira experiência do *Reflect* foi conjuntamente desenvolvida em três projectos financiados pela ODA (Administração do Desenvolvimento do Ultramar) hoje DFID (Departamento para o Desenvolvimento Internacional). Estes projectos-piloto tiveram lugar no Uganda, El Salvador e Bangladesh, onde depois da avaliação destes “programas piloto” pode ser verificado a sua eficácia em comparação com outros métodos de alfabetização utilizados no mundo fora e ressaltou a eficiência conquistada pela utilização do diferencial Freireano de alfabetização; a ligação entre as palavras e o desenvolvimento como um todo (ACTIONAID, 1997).

No Uganda, por exemplo, o projecto foi desenvolvido numa zona plurilingue onde não havia nenhuma forma de manifestação escrita das línguas locais antes da entrada do *Reflect*. Já em Bangladesh o projecto-piloto foi com grupos de crédito e poupança de mulheres em uma zona islâmica conservadora. Para finalizar, em El Salvador o projecto foi desenvolvido com a COMUS, uma organização popular fundamentalmente constituída por comunidades dirigidas por ex-guerrilheiras.

Todos esses projectos não usaram livros didácticos por compreender que estes não reflectiam a realidade destas comunidades. No final dos projectos, em diferentes contextos pode-se concluir que a abordagem *Reflect-Acção* demonstrou ser mais eficaz que os métodos baseados em livros e cartilhas para alfabetização de adultos e principalmente por conseguir vincular a alfabetização com o empoderamento. Isso pode ser mensurado quando na ordem de 60% a 70% das pessoas envolvidas no programa aprenderam a ler e a escrever.

Em relação ao empoderamento foi visível o aumento da auto-estima e auto-realização que cuja consequência foi o aumento da capacidade de resolver problemas e também da capacidade de articular ideias. Aumentaram também a participação nas organizações comunitárias. Mais de 60% das pessoas envolvidas nestes programas assumiram cargos de responsabilidade, passando a actuar também em acções de nível colectivo na agricultura e administração dos recursos naturais.

Houve igualmente a subida de casos de divisão mais equitativa de tarefas ligadas à relações de género, bem como do número de crianças nas escolas e de investimentos em actividades de educação não-formal e saneamento básico. Nos debates surgidos a partir da avaliação destas experiências concluiu-se que a alfabetização por si só não propicia a aquisição de poder a ninguém, mas sim o processo de alfabetização e empoderamento de forma conjunta se reforçam mutuamente trazendo benefícios mais palpáveis e mais rápidos.

O *Reflect* não se restringe a uma técnica de alfabetizar jovens e adultos, apesar de ter sido esta a proposta inicial da abordagem. A abordagem enfatiza a problematização das relações de poder com o intuito de promover o empoderamento dos grupos que nele toma parte. Considerando que quase todas as propostas de intervenção baseadas em abordagens participativas procuram promover o empoderamento, há que se questionar como se dá esse processo. Como se determinam as ferramentas? Qual o papel dos facilitadores?

O *Reflect* constitui um processo de construção colectiva que passa necessariamente por um processo de empoderamento das pessoas, pois só se constrói o processo RA mediante participação de todos os envolvidos nos círculos. Ele cria condições de emanar um poder que identifica as pessoas, aliás, a base de acção para destruir velhas formas de poder sobre algo ou alguém e romper com o ciclo vicioso de dominação e/ou de pobreza.

O programa *Reflect* é utilizado em cerca de 70 países desde os chamados de economia periférica, como os países latino-americanos: El Salvador, Guatemala, Honduras, Bolívia, Brasil, Nicarágua, Chile e Peru, países africanos e asiáticos que incluem Angola, Moçambique, Bangladesh, Uganda, Quénia, Senegal, Nepal e Índia, e até países desenvolvidos como o Canadá, Espanha, Irlanda e a própria Inglaterra.

2.3 As aplicações do Reflect

Hoje cada país adopta diferentes formas de aplicação das técnicas, potencializando ainda mais as capacidades dos sujeitos em se desenvolverem para posteriormente desenvolverem suas comunidades de forma colectiva e mais igualitária.

Experiencia dos países acima referidos mostra que a abordagem se aplica para a construção colectiva de espaços democráticos, onde as pessoas desenvolvem de forma directa seus códigos e sua própria análise multidimensional da realidade local e global. Tomando decisões, desenvolvendo acções concretas voltadas para a transformação (ou não) dessas situações e das relações de poder permitem a alfabetização de adultos e conseqüente empoderamento das comunidades, para que as pessoas a olhem de forma crítica a si mesmas e ao seu redor, situando seu empoderamento no centro das acções de desenvolvimento sustentável e equitativo.

3. O Reflect em Moçambique

3.1 Introdução do Reflect em Moçambique

O programa Reflect foi introduzido em 1998, em Moçambique conjuntamente pelo Ministério de Educação e a ActionAid, nas províncias de Maputo e Zambézia.

Por orientação do Ministério da Educação, a ActionAid trabalhou em estreita ligação com as Direcções Provinciais de Maputo e Zambézia por a organização já se encontrar a implementar o seu programa. Assim, quadros das duas direcções provinciais foram treinados em Reflect no Malawi, numa capacitação para formadores de formadores para Moçambique, Malawi, África do Sul e Zimbabwe.

Posteriormente, seguiram-se dois cursos de capacitação de facilitadores em Moçambique: um em Maputo e outro na Zambézia. Foram abrangidos os distritos de Manhiça e Marracuene, na Província de Maputo, e de Pebane e Maganja da Costa, na Província da Zambézia. Tanto num como noutro curso, a capacitação contou com o apoio de um facilitador que estivera envolvido na experiência piloto em El Salvador. Foram capacitados um total de aproximadamente 60 facilitadores incluindo técnicos de alfabetização e educação afectos às direcções provinciais de educação nas duas províncias. Do grupo de facilitadores capacitados apenas 70-80% deles acabaram sendo contratados para exercerem essa função junto dos círculos de *Reflect*.

3.2 Abordagens participativas mais usadas no país

Em Moçambique, tem aumentado significativamente o número de abordagens participativas usadas e organizações que adoptam estas abordagens. As abordagens mais conhecidas e adoptadas incluem entre outras as seguintes:

Abordagem	Propósito	Instituições Que Usam
Diagnóstico Rápido Participativo (DRP)	Levantamento, análise e priorização de necessidades	Todas as instituições governamentais e não-governamentais de desenvolvimento
Reflect	Alfabetização e empoderamento	Acord, ActionAid, ADPP, Aga Khan, Amuza, CCM, Diocese Anglicana de Lichinga, Fundação Malonda, Helvetas, Igreja Católica em Niassa, UNAC, Visão Mundial, Xinguirirai
Pesquisa Formativa	Estudos de base, CAP, entendimento dos “porquês” de determinadas atitudes e condutas	ADC, AED/CAP Moçambique, AJN, AJULSID, AMME, AMIMO, CCM, Cislamo, EGPF, FORCOM, GetJobs, JHU, Mães Intercessoras Cristãs, Monaso, NAFEZA, Niiwanane, N’weti, PSI, Solidariedade, Visão Mundial
Ação e Aprendizagem Participativa (PLA)	Desenvolvimento baseado na aprendizagem dos beneficiários	ActionAid, ADPP, AED/CAP Moçambique, AMOPROC, Care, Concern Universal, HACL, OLIPA Oxfam, Save The Children, Visão Mundial,
Aprendizagem para a Transformação (LT)	Mudança de atitudes e práticas comunitárias	ActionAid, ADPP, AED/CAP Moçambique, AMOPROC, Care, Concern Universal, HACL, Magariro, OLIPA Oxfam, Save The Children, Visão Mundial,
Stepping Stones (SS)	Mobilização Social para mudança de práticas e crenças em relação ao género e HIV&SIDA de grupos homogéneos	Acord, ActionAid, Amodefa, Associação Esperança, CCM, Kulima, NAFEZA, Magariro, Save The Children
Stepping Stones e Reflect (STAR)	Combinação/híbrido do <i>Stepping Stones</i> e <i>Reflect</i>	ActionAid, ANANA, SDEJTs Marracuene, Kewa, Amuza, Magariro, Kubatsirana, Kubatana, Xinguirirai, UNAC
Faça Comigo o Percurso	Mudança de conhecimentos, atitudes e práticas em relação ao HIV&SIDA	ADC, Monaso
Escolhe a Vida	Mudança de conhecimentos, atitudes e práticas em relação ao HIV&SIDA	ADC, AJULSID, Monaso
African Transformation (AT)	Mobilização Social para mudança de conhecimentos, atitudes, práticas e crenças em relação ao género e HIV&SIDA	JHU, N’weti, Visão Mundial
O Teatro do Oprimido	Mobilização Social para mudança de conhecimentos, atitudes, práticas e crenças em relação a desigualdades sociais	ADC, Family Health International, Kulima, Health , Teatro do Oprimido,
Trabalhando com Homens	Mobilização Social para mudança de conhecimentos, atitudes, práticas e crenças em relação a desigualdade de género	Engendered Health, FORCOM, Fórum Mulher, ProMundo

Abordagens participativas mais usadas no país

3.3 Organizações que usam o Reflect: quem são, onde se localizam?

De acordo com o Ministério da Educação e as direcções provinciais de educação, o *Reflect* é usado nas províncias de Maputo, Zambézia, Nampula, Cabo Delgado e Niassa por mais de 9 organizações não-governamentais. Note-se que as organizações implementam os seus projectos de Reflect em coordenação ou apoio das repartições provinciais de Alfabetização e educação de Adultos.

Província	Ano de Início	Distrito	Instituição	Número				
				Círculos	Participantes		Facilitadores	
					HM	M	HM	M
Cabo Delgado	2001	Mecufi	Helvetas/UATAF	12	306	187	12	3
		Ancuabe	Helvetas/UATAF	12	241	115	12	6
		Macomia	Helvetas/UATAF	18	393	204	18	-
		Pemba Metugi	Aga Khan	10	152	59	10	
		Macomia	Aga Khan	11	152	63	11	
		Quissanga	Aga Khan	12	278	152	12	
		Meluco	Aga Khan	8	139	98	8	
		Ibo	Aga Khan	5	64	54	5	
Total Cabo Delgado				88	1,725	932	88	9
Niassa	2005	Sanga	F.Malonda					
		Lichinga	F.Malonda					
		Muende	CCM	3	106	45	3	
		Mavago	CCM	3	134	57	3	1
		Mujune	CCM	3	123	62	3	
		Maua	CCM	3	56	33	3	
		Cuamba	CCM	3	91	55	3	1
Total Niassa				15	510	252	15	2
Nampula	2002	Muecate	Helvetas/UATAF	10	295	167	10	2
		Nacaroa	Helvetas/UATAF	8	248	141	8	1
Total Nampula				48	1,563	812	48	7
Zambézia	1998	Pebane	ActionAid	25	826	625	25	
		Namarrói	ActionAid	17	425	340	17	
		Maganja	ActionAid/Amuza	40	1,377	826	40	3
		Pebane	ADPP/V. Mundial	2	59	27	2	
		Lugela	ADPP/V. Mundial	2	59	47	2	
		Mocuba	ADPP/V. Mundial	2	60	51	2	
		Maganja	ADPP/V. Mundial	2	59	35	2	
		Ile	ADPP/V. Mundial	2	59	43	2	
Total Zambézia				92	2,924	1,994	92	3
Maputo	1998	Marracuene	ActionAid	6	150	120	6	
		Manhiça	ActionAid	30	750	600	30	
Total Maputo				36	900	720	36	-
Total				279	7,622	4,710	279	21

Organizações com Programas de Reflect: Sua Localização, Número de Participantes e Facilitadores¹

¹ Compilação não exaustiva a partir de Dados Fornecidos pelas Direcções Provinciais de Educação e ONGs. Note-se que não foi possível obter-se dados das províncias de Manica e Gaza

De acordo com o Ministério da Educação e das direcções provinciais, as seguintes organizações têm, ou tiveram até o ano passado, programas de Reflect: Acord, ActionAid, Aga Khan, Alfalit, Concern Universal, CCM, Diocese Anglicana de Lichinga, Fundação Malonda, Helvetas, Ibis, Igreja Católica em Niassa, Kubatana, Kubatsirana, Visão Mundial. O quadro abaixo apresenta a localização (provincia e distrito) das organizações atrás referidas, ano em que iniciaram os seus programas de Reflect, número de círculos, participantes e facilitadores.

3.4 Principais usos/aplicações do Reflect em Moçambique

Destacam-se dois propósitos no uso do *Reflect* em Moçambique: *Reflect* para alfabetização de adultos e consequente empoderamento das comunidades, e *Reflect* para empoderamento das comunidades e consequente alfabetização de adultos. Em Moçambique, o *Reflect* não apresenta uma característica uniforme, mas dá maior enfoque à alfabetização (leitura e escrita na língua local) e sem necessariamente resultar num empoderamento para além das habilidades de leitura e escrita.

As organizações contactadas para o presente estudo indicaram usar o *Reflect* para diferentes propósitos de entre as quais se destacam a alfabetização funcional, empoderamento económico e mobilização comunitária para trabalhos comunitários, mudança social e de comportamento conforme ilustra o quadro abaixo

Para que fim usam o <i>Reflect</i>	Organizações
Mobilização comunitária para trabalhos comunitários	Concern Universal/CCM, F. Malonda,
Alfabetização funcional & empoderamento económico	ActionAid, Concern Universal, CCM, Helvetas/ UATAF, F. Malonda
Mobilização e organização comunitária para a mudança social e de comportamento	ActionAid, Concern Universal

Propósitos do uso do Reflect em Moçambique

Mobilização comunitária para trabalhos comunitários: o *Reflect* tem sido também usado como meio de mobilizar pessoas a aderirem a algumas actividades comunitárias tais como a construção de escolas, casas de professores, de espera, casas de banho, latrinas, limpezas, etc. As que usam o *Reflect* para este propósito estão mais viradas para a provisão de serviços, embora possam ter algumas intervenções de promoção de direitos.

Alfabetização funcional e empoderamento económico: aqui, as instituições que usam o *Reflect* vêem a metodologia como uma forma de alfabetização de adultos e consequente empoderamento das comunidades. Por exemplo, a UNAC, confissões religiosas e DINAEA incluindo as direcções provinciais de educação usam o *Reflect* com forma de criar habilidades de leitura e escrita nas pessoas como forma de lhes equipar com habilidades para a vida. Estas organizações procuram proporcionar os participantes com habilidades para a vida. Outro exemplo é o da Cáritas em Manica que em programas recentes do *Reflect* vinha capacitando os participantes no uso de plantas medicinais, a UATAF em Nampula e Cabo Delgado que capacita os participantes na melhoria de das suas fontes de rendimentos, através pequenas iniciativas produtivas e de comercialização, incluindo actividades de geração de rendimentos.

Mobilização e organização comunitária para a mudança social e de comportamento: trata-se da mobilização e organização comunitária para a mudança social e de comportamento, incluindo a violência baseada no género, práticas e crenças sociais que perpetuam a iniquidade nas relações de género e de poder.

Alguns exemplos de programas de Reflect desenhados especificamente para o empoderamento das comunidades, através dum processo de mudança de comportamento individual e social, incluem o caso dum programa contra a violência da rapariga conduzida pela ActionAid no Distrito da Manhica, em Maputo. Para se responder ao problema de violência contra a rapariga, a ActionAid usou o Reflect como abordagem de mobilização e organização social, na qual tomam parte, para além dos participantes do Reflect, os conselhos de escola, líderes comunitários, direcções de escola e as próprias raparigas. O uso do Reflect para o empoderamento parece estar mais associado a organizações viradas para a promoção dos direitos humanos e cidadania.

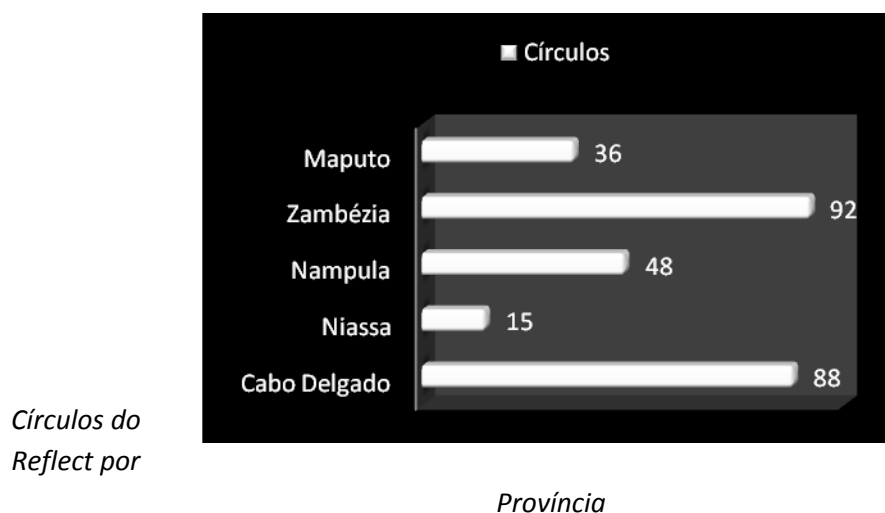
Onde o *Reflect* tem tido mais limitações é onde este é quase exclusivamente usado para habilitar os participantes a ler e escrever, com nenhuma ou quase nenhuma preocupação em desenvolver outras habilidades nos participantes. Aliás, esta situação agrava-se quando se usa o Reflect num quadro de alfabetização formal, onde as expectativas pela certificação, acesso a emprego são altas e o Reflect não oferece.

3.5 Círculos do Reflect

Em 2010, existem em Moçambique 186² círculos de Reflect distribuídos conforme o gráfico abaixo.

Os círculos do *Reflect* funcionam em espaços cedidos pelas estruturas locais quer fechadas e ou abertas. Contudo, estes espaços nem sempre dispõem duma fonte de água, casas de banho, bancos para sentar e facilitar a escrita

² Dados provisórios ainda por concluir após colheita de mais dados das províncias e organizações



Todos os círculos do *Reflect* usam primariamente a língua local e gradualmente vão introduzindo a Língua Portuguesa, pois tem sido desejo dos participantes serem capazes de ler, escrever e falar a língua oficial do país. Segundo os participantes, o uso da língua local permite uma participação activa dos participantes e assimilação rápida e efectiva dos conteúdos tratados durante as sessões. A introdução do Português motiva os participantes a aprenderem, pois passam a conhecer um outro código de comunicação normalmente usado nos círculos de poder, como reuniões importantes, acesso à informação oral e escrita e elevação do seu status e auto-estima.

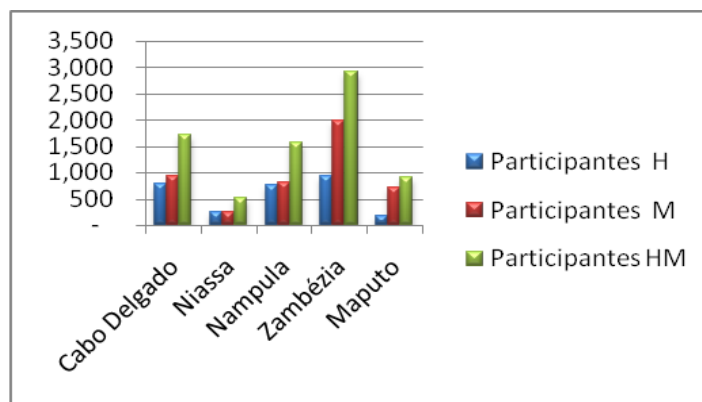
O apoio a um círculo do *Reflect* tem durado aproximadamente dois anos, findos os quais, os participantes terão realizado algumas acções locais ligadas ao seu empoderamento económico ou de participação e adquirido habilidades básicas de leitura e escrita. Alguns participantes mantêm-se como grupo de facilitadores de desenvolvimento local envolvidos na mobilização social para a mudança de crenças e práticas discriminatórias e de injustiça social e outros programas para o benefício das comunidades locais.

3.6 Os Participantes

3.6.1 Panorama

Actualmente, 7.622 participantes³ (HM i.e. homens e mulheres), participam em projectos do Reflect em todo o país, com idades variando dos 15 até acima dos 50 anos de idade. Deste número, 4.710 são mulheres (M) o que representa 61.8%, como ilustra o gráfico que se segue.

³ Dados provisórios ainda por concluir após colheita de mais dados das províncias e organizações



Participantes do Reflect por Província

Na sua maioria, as mulheres são solteiras e casadas realizando tarefas domésticas e sem escolaridade básica. Residem nas zonas rurais e dedicam-se fundamentalmente à agricultura de subsistência e, em menor escala, de rendimento. Para complementarem a actividade agrícola, alguns dedicam-se à pesca, corte e venda de lenha, carvão ou pequenos negócios.

Dum modo geral, os participantes dos círculos Reflect aderem aos programas do Reflect na expectativa de aprenderem a ler e escrever e também falar Português. Lendo e escrevendo, os participantes acham que podem tornar-se capazes de ler e escrever cartas para seus familiares e outras pessoas em caso de necessidade sem se recorrerem à ajuda de outras pessoas. Alguns ainda aspiram tornar-se mas reputados ou obter um certificado de habilitações literárias que lhes permite acesso a algumas facilidades como o emprego ou fazer carta de condução de veículos motorizados.

A referência do modelo de aprendizagem que os participantes têm é o método tradicional no qual o professor é o centro do processo de ensino-aprendizagem, é a fonte do saber que despeja sobre os alfabetizados. Os alfabetizandos dispõem de livros pré-impresos que apoiam o processo de ensino-aprendizagem. Por isso, o método *Reflect* constitui um desafio para muitos participantes que se deparam com a nova realidade de terem que ser o centro do processo de aprendizagem no qual eles próprios constroem um saber colectivo, através da mediação dum facilitador e sem a ajuda de qualquer manual pré-impreso. Aliás, esta situação chega mesmo a levantar dúvidas em relação à capacidade do facilitador pois, alguns participantes interrogam-se: *“mas nós viemos aqui para aprendermos do professor, porque nos põem a nós a discutirmos uns com os outros e não diz quem tem razão ou não. Todas as ideias são válidas!”*

Nem todos os participantes inscritos no início dum ciclo de aprendizagem terminam com o curso por várias razões. De acordo com as organizações contactadas, uns participantes abandonam por encontrarem oportunidades de ocupação mais compensatórias tais como remuneração ou ocupação de cargos de prestígio na comunidade e; outros por perderem interesse pelo curso,

muitas vezes, por incapacidade dos facilitadores encontrarem formas inovadoras e criativas que cativem o interesse e entusiasmo dos participantes.

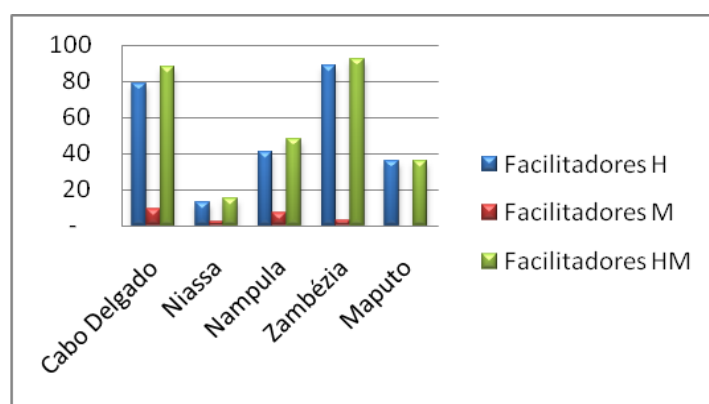
3.6.2 Desafios

- Reduzir os índices de abandono dos participantes aos programas de Reflect antes da conclusão dum ciclo de aprendizagem;
- Gerir as diferentes expectativas dos participantes de modo a assegurar que enquanto as sessões do Reflect contribuem para o aumento de habilidades que satisfaçam as necessidades imediatas dos participantes, também aumentem a sua capacidade de comunicação e voz para a sua participação efectiva nas esferas do poder como forma sustentável de melhoria contínua da sua condição de vida e cidadania.
- Aprofundar e praticar aspectos das matérias abordadas durante as sessões aos participantes, quer através de materiais de leitura adicionais, quer através de convites a pessoas abalizadas nos assuntos tratados para palestras/workshops em que os participantes se façam presentes.

3.7 Os Facilitadores

3.7.1 Panorama

Existem actualmente 279⁴ facilitadores, sendo 21 do sexo feminino, ou seja 7.5% do total de facilitadores. Os candidatos a facilitadores são seleccionados nos distritos e províncias onde os programas do Reflect são implementados (ver o gráfico abaixo).



Facilitadores do Reflect por Província

⁴ Dados provisórios ainda por concluir após colheita de mais dados das províncias e organizações

Quando se introduz o Reflect pela primeira vez numa província, além dos facilitadores, são capacitados quadros das direcções distritais de educação para assegurarem o acompanhamento e supervisão dos facilitadores. Os critérios de selecção dos candidatos a facilitadores compreendem entre outros, os seguintes:

- Serem provenientes das zonas onde seriam constituídos círculos do Reflect
- Serem capazes de falarem a língua mais falada nessa zona
- Terem habilitações literárias mínimas da 7ª Classe
- Serem pessoas idóneas e respeitadas na comunidade

Todavia, na sua maioria, os facilitadores do Reflect são ex-estudantes que, após concluírem um nível de ensino, não conseguem nem prosseguir com os seus estudos, nem encontrar uma ocupação remunerável. Assim, quando lhes surge a oportunidade de serem facilitadores do Reflect aceitam a ocupação não necessariamente como sua primeira opção, mas algo com que se vão ocupando enquanto esperam por algo melhor. Daí que se explica o abandono de círculos de *Reflect* por parte de alguns facilitadores para se tornarem professores, enfermeiros, mineiros, cobradores de chapa, brigadistas de recenseamento eleitorais, da população, pecuário, etc.

Em princípio, cada distrito procura ter um número de facilitadores homens e mulheres igual. No entanto, isso não chega a verificar-se, por insuficiência de facilitadores de sexo feminino com as habilitações literárias exigidas (mínimo de 7ª Classe) nas zonas de implementação do projecto. A disponibilidade de tempo e liberdade de a mulher exercer tal função fazem também parte da limitação à participação da mulher em iniciativas de empoderamento, muitas vezes comum no meio rural.

As organizações procuram assegurar que o número de candidatos a facilitadores seja superior ao número de facilitadores efectivamente necessários para o funcionamento dos círculos do *Reflect*, para permitir a substituição dum facilitador que por algum motivo abandone o seu círculo durante o curso. A ActionAid, Save The Children US, Associação para o Desenvolvimento Comunitário Rural, Helvetas, a Diocese de Lichinga e demais organizações têm usado esta estratégia que já provou ser eficaz.

Em algumas organizações, como a ActionAid, o processo de capacitação de facilitadores é vivenciado, através da constituição de círculos do *Reflect* que se desdobram em círculos menores (grupos de 2-5 elementos). Isto facilita a problematização dos conteúdos trabalhados em cada encontro *Reflect-Acção* (RA), equivalente a uma unidade. Cada participante escolhe livremente a comissão à qual deseja fazer parte. Estas comissões variam de acordo com o propósito de cada círculo RA/unidade.

Cada círculo desenvolve o seu material didáctico ou manual do facilitador, através das técnicas de DRP adaptadas à realidade local. Enquanto se desenvolve o programa, os facilitadores do círculo tomam conhecimento detalhado, através das informações retiradas das técnicas

aplicadas, sobre as condições sócio económicas locais, relações de poder e cultura nas comunidades. Após a conclusão do trabalho das comissões, as unidades trabalhadas servem de base para a estruturação e dosificação dos conteúdos de leitura, escrita e numeracia a serem tratados, obedecendo uma sequência gradual duma unidade para a outra.

Grande parte da formação de facilitadores leva em média 21 dias de imersão que podem ser divididos em três encontros de 7 dias cada. Mas no geral os primeiros contactos são feitos em oficinas de 3 a 5 dias. As oficinas de alfabetização podem variar de um mês a alguns anos segundo informações de alguns facilitadores RA.

3.7.2 Desafios e Oportunidades

- Assegurar uma qualidade adequada das sessões de *Reflect* nos círculos, sabendo-se que a maioria dos facilitadores actuais só possui formação inicial e poucos se têm beneficiado de capacitação em serviço;
- Garantir a contínua elevação do nível de conhecimentos e habilidades dos facilitadores, apesar de estes não disporem de assistência e supervisão pedagógicas sistemáticas e regulares;
- Conseguir uma percentagem maior de facilitadores do sexo feminino capazes de assegurarem o empoderamento, literacia e numeracia; incluindo habilidades de elaboração do material auxiliar de aprendizagem, desenho de planos de acção e ou currículo para aplicação no uso da abordagem *Reflect*
- Transitar dos resultados do DRP para alfabetização e resolução dos problemas identificados;
- Acomodar o *Reflect* nos programas de alfabetização, assim como no uso de ferramentas pedagógicas e didácticas de educação de Jovens e Adultos;

Existem, no entanto, oportunidades que se podem aproveitar, de entre as quais, as seguintes:

- ✓ A existência de experiências de organizações que, reconhecendo que uma só capacitação não assegura uma boa qualidade do trabalho do facilitador, oferecem capacitações regulares aos seu facilitadores como forma de aprimorarem a sua capacidade de trabalharem de forma mais efectiva com os círculos. Esta prática torna os facilitadores mais flexíveis e pró-activos até na acomodação de programas de alfabetização, assim como no uso de ferramentas pedagógicas e didácticas de educação de Jovens e Adultos em programas do *Reflect*;
- ✓ A existência de organizações com experiência na formação de formadores e facilitadores na abordagem das diferentes partes e pontos de transição dos resultados

do DRP para alfabetização e resolução dos problemas identificados, integrando a leitura, escrita e numeracia;

- ✓ Existência de rede de formadores e supervisores com formação inicial do Reflect;
- ✓ Formadores/facilitadores engajados no problema de redução de analfabetismo;

3.8 Material de Apoio

3.8.1 Panorama

Uma das características típicas do *Reflect* é a não utilização de manuais de participantes. Os materiais de apoio frequentemente usados nos círculos têm sido os seguintes:

Para uso e controlo pelo facilitador	Para uso de cada participante
<ul style="list-style-type: none">• O papel gigante (flipchart)• Marcadores de diferentes cores• Cola (bostick) ou de papel• O manual do facilitador• Cartazes, revistas, brochuras e outros materiais impressos• Vídeos• Quadro preto/branco• Materiais disponíveis localmente	<ul style="list-style-type: none">• Caderno• Lápis e borracha• Esferográfica

Geralmente, a construção dos gráficos inicia com o recurso a objectos disponíveis localmente tais como paus, palha, folhas, pedras, sementes, flores, restos de papel ou plástico, etc. que os próprios participantes e o facilitador recolhem. Uma vez construídos os elementos gráficos no chão, estes são transpostos para uma folha de papel gigante, a partir da qual os participantes copiam. Um efeito perverso a esta realidade é que o facto de não se usar um manual pré-impresso do participante leva os facilitadores a terem a tendência de banirem o uso de outros materiais nas suas sessões.

Com o decorrer das sessões, os participantes e os facilitadores produzem materiais como mapas, calendários, diagramas de venn, matrizes, fluxogramas, listas e textos em papel gigante pertencente ao círculo; ao mesmo tempo que cada participante vai produzindo o seu próprio

manual com as cópias que faz do que estiver a ser tratado nas sessões e trabalho individuais que faz na sala ou em casa.

No entanto, quase todos os facilitadores dos programas actualmente em curso nunca tiveram contacto com o Manual Matriz (*Mother Manual*), muito menos possuírem uma cópia individual como material de referência. Obviamente, isto limita a capacidade de aprofundamento de aspectos tratados rapidamente durante a sua capacitação ou formação.

Nem todas as instituições que implementam programas do *Reflect* asseguram a elaboração dum manual do facilitador pelos próprios facilitadores durante o processo da sua capacitação; ou, quando o fazem, nem sempre todos os facilitadores recebem um exemplar para uso durante as sessões; o que não permite uma melhor preparação e condução as sessões. Exemplos de capacitações que culminaram com a produção e distribuição do manual do facilitador aos participantes demonstraram que o manual dá um grande contributo na orientação do facilitador no seu trabalho nos círculos.

No fim das sessões, os participantes regressam à casa com as notas tomadas durante a sessão no seu caderno, que se vai tornando manual. Contudo, nada mais têm do que o caderno para ampliarem as suas habilidades de leitura e escrita fora dos seus círculos.

3.8.2 Desafios e Oportunidades

- Facilitar o acesso ao manual do facilitador e do Manual Matriz (*Mother Manual*) ao facilitador ou outros materiais orientadores sem deixar que estes se transformem numa excessiva prescrição à forma como o facilitador deve conduzir as sessões;
- Disponibilizar materiais para a extensão da leitura dos participantes fora das sessões do *Reflect* como forma de oferecer oportunidades de estes praticarem os conhecimentos e habilidades aprendidas durante as sessões;
- Divulgar materiais auxiliares de aprendizagem existentes no país relativos à educação de jovens e adultos.
- Assegurar que aos conhecimentos gerados nos debates durante as sessões do *Reflect* se acrescente algo novo, através de materiais suplementares específicos ao assunto em discussão;
- Conseguir um uso equilibrado do Manual do Facilitador e outros materiais usados no dia-a-dia com informação relevante ou especializada para os assuntos que estiverem a ser tratados.

Uma das oportunidades que pode ser explorada para se contrapor aos desafios acima referidos é a existência de organizações que já produziram ou usaram materiais que promovem empoderamento, literacia e numeracia; incluindo habilidades de elaboração do material auxiliar

de aprendizagem, desenho de planos de acção e ou currículo para aplicação no uso da abordagem *Reflect* em seus programas e que podem ser usados ou adaptados para proporcionarem maior variedade e riqueza aos conteúdos tratados nas sessões, oferece uma oportunidade para se colmatar a exiguidade ou falta de material de apoio nos programas do *Reflect*.

3.9 Estruturas e sistemas de apoio ao funcionamento do Reflect

A supervisão do trabalho dos facilitadores é feita pelo pessoal das organizações implementadoras dos programas do *Reflect* e pelo pessoal da AEA a nível distrital e provincial. Os facilitadores afirmaram que, apesar da deficiência e da fraca regularidade, pode-se considerar que ao nível local existe algum apoio e supervisão. Esta supervisão e apoio nem sempre são regulares, sistemáticos e consistentes nas diferentes estruturas da educação e organizações implementando programas de *Reflect*. Enquanto se registam algumas visitas aos círculos de *Reflect* para acompanhar o trabalho dos facilitadores, pouca ou nenhuma profundidade se nota na avaliação que se faz ao trabalho do facilitador, limitando, deste modo, a oportunidade de lhe oferecer uma orientação personalizada com vista à melhoria da qualidade das suas sessões.

O apoio e supervisão dos facilitadores ao nível da coordenação central das organizações implementadoras do *Reflect* tende a ser mais intensiva nos primeiros passos da introdução do programa do *Reflect*, começando a decrescer com o tempo e, por vezes, sem a necessária compensação através duma estrutura e pessoal adequados que assegurem a manutenção ou melhoria da qualidade.

Nota-se uma tendência de as instituições que implementam programas de *Reflect* incentivarem a ligação dos círculos entre si, apesar da fraca e ou ausência de convivência e troca de experiência de modo a melhorar a abordagem de *Reflect*.

Em 2004, a ActionAid e o Ministério da Educação iniciaram um projecto de criação duma rede de praticantes do *Reflect* em Moçambique com o objectivo de expandir o programa do *Reflect* em Moçambique. Foi desenhado e organizado um workshop de capacitação de formadores de *Reflect* em Manica no qual participaram equipas das zonas sul, centro e norte. Os participantes eram formadores escolhidos pela educação e organizações da sociedade civil interessados em usar o *Reflect*.

Para além da capacitação dos formadores, decidiu-se que em cada região do país teriam lugar cursos de capacitação de facilitadores de *Reflect* conduzidos pelos recém capacitados formadores. Contudo, as diferenças de pontos de vista em relação à adequação do *Reflect* ao quadro de alfabetização e educação de adultos do Ministério e aposta no uso do *Reflect* como abordagem para o empoderamento para a participação e cidadania das comunidades acabaram inviabilizando a intenção.

Em 2008, foi criada a RAEJA, Rede de Advocacia, Aprendizagem e Educação de Jovens e Adultos, com a missão de “*defender o acesso para uma sociedade de aprendizagem e educação de qualidade de jovens e adultos através de estratégias para acções planificadas entre a sociedade civil, governo e sector privado.*” A rede congrega organizações da sociedade civil que trabalham na área de alfabetização e educação de jovens e adultos nas províncias de Maputo-Cidade, Maputo, Gaza e Inhambane.

Em 2009, a dvv international iniciou com a capacitação de formadores e facilitadores em metodologias de *Societies Tackling AIDS through Rights (STAR)* – uma metodologia que funde o Reflect e o Stepping Stones. O treinamento inicial ocorreu na África do Sul e foi financiado pela dvv; enquanto o segundo treinamento teve lugar em Moçambique e a dvv financiou e ofereceu a assistência técnica. Ora, a existência desta rede constitui uma oportunidade com a qual a consolidação e crescimento do Reflect pode contar.

3.10 O impacto do Reflect no desenvolvimento local

Social: A abordagem utiliza o recurso de construção de “círculos” pelos próprios participantes, que identificam os problemas e procuram responder a cada um de acordo com a realidade e suas capacidades. Agindo assim percebe-se uma resposta eficaz das soluções práticas das suas maiores necessidades que inclui os aspectos educativos, culturais e de saúde. Esta dimensão materializa-se e fortifica-os na resolução dos problemas, participação social como também na resolução de problemas na comunidade e mesmo fora desta.

Económico: o método Reflect está tendo resultados positivos em actividades produtivas e de comercialização, incluindo de geração de rendimentos, como foi o caso de grupos apoiados pela ActionAid, Save The Children, entre outras instituições. A geração de pequenos negócios ajuda o fortalecimento e a sustentabilidade de esforços tendentes a capacitarem as pessoas a melhorarem as suas fontes de rendimento. Exemplo disso é o caso do círculo de Reflect de Cumbene que decidiu fazer um projecto de criação animai e, mesmo com o fim do curso de Reflect para esse grupo, os participantes continuam a criarem animais em moldes colectivos e a arrecadar receitas que lhes permitem melhores condições de vida.

Para isso, promove-se a capacitação técnica e acesso a fontes de créditos, fortalecimento de trabalhos solidários que reforcem a produção, transformação, comercialização e gestão ambiental. Também é fundamental a participação activa das mulheres nos projectos produtivos, organizativos e ambientais. Este componente se propõe basicamente em fortalecer os esforços locais.

Acção da cidadania: Aqui é considerada a articulação dos esforços organizativos, desde a unidade familiar até a organização política partidária, o que não significa um apoio a determinado partido e sim visualização deste espaço como um espaço de discussão, participação, questionamento e crítica. O objectivo maior é construir conjuntamente formas de viver mais equitativas e justas que possibilitem a construção de sujeitos sociais e políticos mais

participativos, com capacidade de formular, negociar e consertar propostas de desenvolvimento que os ajudem a gerar autonomia e poder local. A materialização desta dimensão se dá através de espaços de análise de sua realidade estrutural e conjuntural, capacitação sobre seus (direitos e deveres), desenvolvimento de acções de carácter individual, familiar e comunitário.

Mudança de comportamento: As reflexões realizadas centram-se na pessoa do facilitador esse movimento de acção-reflexão permite gerar de forma gradual e dinâmica novas reflexões, compreensões, concepções e práticas na realidade presente para acções futuras. Mas durante uma vivência em um círculo RA toma-se o cuidado de não desconsiderar o que o grupo já construiu em sua trajectória de vida tal como elementos de organização, aspectos culturais, étnicos, religiosos, hierárquicos, entre outros.

Este espaço seria um alicerce para os outros três, pois de nada adiantaria educar e organizar uma comunidade se as pessoas não se integram, não se sentem bem consigo mesmas e com suas relações com o resto de sua comunidade. Desta maneira constrói a auto-estima, o espírito de solidariedade e de tolerância e busca consensual sobre quais informações. Este exercício estimula a participação e a mudança comportamental e social das pessoas envolvidas na tomada das decisões do dia-a-dia nas suas vidas.

3.11 Quem financia o Reflect?

Todos os programas de *Reflect* são financiados pelas organizações que assumem os custos de capacitação dos facilitadores, materiais de apoio e, em grande medida, os subsídios/incentivos dos facilitadores. Geralmente, as organizações internacionais como a dvv, ActionAid, Concern, Aga Khan, Helvetas, Concern Universal oferecem mais apoio financeiro e assistência técnica a organizações da sociedade civil moçambicana para a sua implementação do Reflect no terreno. O governo também financia os programas de Reflect, através do pagamento dos subsídios de parte dos facilitadores com o mínimo de 7ª Classe de habilitações literárias. Algumas organizações como a Helvetas e ActionAid financiam a compra de chapas de zinco e cimento para a construção de salas básicas para o funcionamento dos círculos do *Reflect*.

3.12 Principais Desafios e Oportunidades do Reflect em Moçambique

- Antes da escolha do uso do *Reflect* por qualquer instituição, clarificar as expectativas que legitimamente dele se pode ter. Como deixar claro que o *Reflect* não é o remédio para todos os males.
- No uso do Reflect, o Ministério da Educação dá primazia ao desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita e numeracia, com pouco esforço tendente e desenvolver as habilidades que asseguram maior equidade social, através duma maior participação na tomada de decisões que tragam melhoria e dignidade à vida das pessoas.

Existem imensas oportunidades para a satisfação das expectativas que as instituições e pessoas têm tido à volta do Reflect em Moçambique. Algumas destas oportunidades oferecem alternativas ao método e podem conduzir os participantes a atingirem mais rápida e efectivamente as suas expectativas. Eis algumas dessas oportunidades:

- **Alfalit:** trata-se dum método de alfabetização que está sendo usado por algumas confissões religiosas, com particular relevo na Província da Zambézia. Há relatos segundo os quais participantes em programas do Alfalit chegaram a fazer em 9 meses o equivalente ao terceiro ano do sistema de AEA formal, o que lhes conferiu o respectivo certificado que lhes permite matricular-se na quinta classe.
- **Comités Consultivos locais e distritais:** um dos resultados do crescente processo de descentralização é a criação dos conselhos consultivos de localidade, posto administrativo e distritais que têm um papel importante nas decisões sobre o desenvolvimento social e económico local. O papel que os Conselhos Consultivos Distritais têm, por exemplo, em relação ao uso dos 7 milhões, revela em parte a importância de se olhar para este espaço estratégico do poder como oportunidade para o exercício da cidadania e melhoria da sua condição de vida e participação.

Os círculos de Reflect podem contribuir na capacitação dos participantes para uma contribuição mais significativa nos processos de decisão, através do uso de ferramentas analíticas, de planificação, monitoria e avaliação participativas que podem ser usadas na solução dos problemas locais e exploração de oportunidades. Outros fora de tomada de decisão locais incluem os Conselhos de Escola, Conselhos de Saúde e Comissões de Terra.

MASC (Mecanismo de Apoio à Sociedade Civil) é uma instituição criada para apoiar técnica e financeiramente iniciativas da sociedade civil visando monitorar o cumprimento dos compromissos do governo tais como os planos, orçamentos e transparência na governação. O Reflect oferece-se como um instrumento adequado a potenciar as comunidades a assegurar uma prestação de contas por instituições que operam a cada nível.

4. Conclusões e Recomendações

4.1 Conclusões

Do estudo conclui-se o seguinte:

- A sustentabilidade do Reflect em Moçambique é uma realidade, embora ainda haja dúvidas sobre a sua expansão e desenvolvimento. Esta sustentabilidade deve-se ao facto de a sua implementação ter sido acompanhada de formação de formadores e supervisores nacionais com vista a garantir sua utilização e a sua coordenação e implementação ser assegurada e monitorada pela ACTIONAID. Por outro lado, o governo assegurou a responsabilidade e

acomodação do método através das direcções provinciais e as organizações da sociedade civil baseadas na comunidade na implementação.

- Apesar dos formadores do Reflect terem um vasto domínio em técnicas participativas de aprendizagem e resolução de problemas, nota-se uma forte limitação na área considerada mais “didáctica”, isto é, a transição dos resultados dos DRP’s para a alfabetização. O acesso inconsistente ao manual do facilitador e outros manuais, assim como um sistema de capacitação contínua dos facilitadores contribuem em larga medida para esta situação.
- A maioria dos participantes ao estudo evidenciou uma dose de falta de satisfação plena pelo uso do Reflect como estratégia de alfabetização formal, pois sustenta que este método enfatiza mais o empoderamento das comunidades do que a alfabetização. Deste modo, não ficou claro que o *Reflect* seja a abordagem que se pretende em Moçambique na óptica de alfabetização e educação de adultos.
- Existe uma clara oportunidade para o uso do Reflect quer na alfabetização como em processos de empoderamento e acção de cidadania, sem necessariamente partindo do sector da educação. Sempre que se cola o Reflect ao sector da educação, no geral, e à alfabetização e educação de adultos, em particular, restringe-se o potencial do Reflect como arma de comunicação e acesso ao poder e cria-se nele a pressão de responder a todas as expectativas que se depositam na alfabetização formal.
- Os intervenientes no processo têm consciência do que deve ser melhorado em relação à implementação da metodologia: nível do facilitador, a qualidade do apoio e supervisão prestados aos facilitadores, as parcerias e apropriação do método.
- A RAEJA pode ser uma potencial plataforma/parceira à criação duma rede do Reflect em Moçambique. A rede de praticantes do Reflect pode jogar um papel importante na aglutinação dos praticantes do Reflect e plataforma de partilha de informação e experiências do terreno. Pode servir também de ponte de ligação entre o que se passa dentro e fora do país.
- As organizações internacionais como a ActionAid, Concern, dvv internacional, Helvetas, Aga Khan, entre outras, oferecem apoio técnico e financeiro às organizações implementadoras usando modalidades de apoio. Não há evidência de troca de experiências e aprendizagem mútua sistemática entre elas sobre as modalidades e tipo de apoio com vista a um maior impacto do trabalho das organizações implementadoras
- Na África Austral existe o PAMOJA e A ActionAid é tecnicamente representante do PAMOJA em Moçambique, embora actualmente não esteja activo.

4.2 Recomendações

A nível das organizações implementadoras

- Promover técnicas de auto-avaliação que requeiram poucas visitas de supervisores externos e, daí, menos financiamento.
- Investir no equilíbrio de género entre facilitadores do sexo masculino e o sexo feminino para reflectir a tendência dominante das mulheres nos círculos do Reflect.
- Garantir a melhoria do nível de conhecimentos e habilidades dos facilitadores, através dum tratamento mais criterioso da transição dos debates em torno dos elementos gráficos e o desenvolvimento das habilidades de leitura, escrita e numeracia nas capacitações iniciais, a o estabelecimento dum sistema de assistência e supervisão pedagógicas sistemáticas e regulares, incluindo a institucionalização da capacitação em serviço, usando diferentes modelos (semanais, quinzenais, mensais, trimestrais ou anuais) como tem acontecido com os programas do CCM em Niassa, UATAF em Cabo Delgado e Nampula e ActionAid em Maputo e Zambézia, para assegurar uma qualidade adequada das sessões de *Reflect* nos círculos
- Assegurar que no final de cada capacitação de facilitadores se produzam materiais de referência que apoiem o facilitador no seu trabalho com os participantes. Note-se que cada primeira capacitação de facilitadores devia resultar na produção dum manual do facilitador de deverá ser distribuído a todos os participantes.
- Assegurar a compensação da mobilidade do pessoal que gere os programas do *Reflect* bem como a sua expansão sem que se dilua a qualidade, através duma capacitação regular e sistemática do staff das instituições implementadoras.
- Melhorar o envolvimento de membros da estrutura local nos programas do *Reflect* para facilitar a materialização de decisões ou soluções dos problemas debatidos nos círculos
- Criar ou encontrar espaços adequados (sala, com bancos para sentar, acesso à água e casas de banho) para o funcionamento das sessões dos círculos do *Reflect* junto de estruturas e instituições locais;
- Fortificar as campanhas junto das estruturais locais para mobilizar mais gente a participar do programa de alfabetização e assegurar a sua retenção aos programas do *Reflect*.

A nível do Governo

- Reforçar a coordenação junto da Direcção Nacional de AEA e as DPEs e responsabilização dos técnicos para que estes assumam maior liderança

- Promover a avaliação da situação e capacidade dos técnicos para assegurarem apoio e monitoria adequados aos praticantes do método
- Considerar as recomendações provenientes de resultados de estudos e relatórios das visitas de supervisão realizados nos últimos tempos para a consolidação das boas práticas e melhoria dos aspectos menos fortes do método

A nível das organizações internacionais

- As organizacionais internacionais como a ActionAid, Concern, dvv internacional, Helvetas, Aga Khan, entre outras, devem aprimorar o tipo e modalidades de apoio técnico e financeiro oferecido às organizações implementadoras. Uma troca de experiências e aprendizagem mútua sobre as modalidades e tipo de apoio que funciona melhor poderá reflectir-se num maior impacto do trabalho das organizações implementadoras.

A nível de todos os intervenientes

- Revitalizar o Reflect e promovê-lo junto do Ministério da Educação para o seu uso mais extensivo. Esta promoção só será efectiva após os praticantes do Reflect terem acordado como responderem às críticas relativas à certificação, uso regular de materiais e paralelismo com a alfabetização formal.
- Identificar as forças, oportunidade e fraquezas resultantes do uso e aplicação desta metodologia junto dos participantes, facilitadores e supervisores;
- Verificar as potenciais organizações e locais que estão de facto a implementar o método e o grau de sua eficácia na resolução de problemas e empoderamento económico, social ou político dos beneficiários;
- Expandir o Reflect para locais com maior demanda e necessidade de aprendizagem e resolução de problemas, através da junção de esforços dos implementadores;
- Reforçar as acções de pesquisa-formação e acompanhamento contínuo de facilitadores e supervisores
- Explorar o futuro do PAMOJA, particularmente quem deve assumir o papel de liderança, como assegurar-se a comunicação entre os membros da rede e que actividades devem ser levadas a cabo.
- Estabelecer uma rede/fórum de praticantes do Reflect para partilha de informação e experiências do terreno, tanto de dentro e de fora do país.

• **Referências**

1. Archer, D. e Cottingham, S. (1994). *The Reflect Mother Manual*, ActionAid: London;
2. Archer, D. e Newman K. (2003). *Communication and Power: Reflect Practical Resource Materials*. CIRAC;
3. Cambula, A. (2009). *Relatório de Mini-avaliação do programa Reflect implementado nos distritos da Manhiça e Marracuene*;
4. Espada, A. (2009). *Relatório de dissertação do mestrado: “Análise da Implementação dos Programas de Alfabetização de Adultos na Perspectiva dos Alfabetizadores no Distrito de Marracuene 2007-2008”*;
5. Helvetas (2010). *Projecto de Alfabetização Cabo Delgado & Nampula: Relatório Anual*. Helvetas Moçambique;
6. Lind, A. e Munguambe, A. Duque (1975-2006). *Manual Alfabetização de Adultos em Moçambique*; UEM-FACED-DA;
7. Sempre, K. (2009). *Contando Sementes de Mudança: Um quadro de referência para a implementação, monitoria e avaliação de Reflect*. SARN
8. Torres, R. (2002). *Estudo sobre Aprendizaje a Lo Largo de Toda La VIDA nos País em desenvolvimento*, ASDI;

Anexos

Listas de pessoas & instituições contactadas

Nome	Instituição	Função/Cargo
Admiro Comé	Privado	Formador de Formadores do Reflect
Amina Issa	ActionAid	Coordenadora Nacional de Educação
Arnaldo Macie	Direcção Provincial de Educação Gaza	Chefe da Repartição de AEA
Cândida Antónia dos Santos	Direcção Provincial de Ed. C. Delgado	Chefe da Repartição de AEA
Célia	Fundação Malonda	Coordenadora do Programa
Esvénia Viola	Concern Universal	Oficial de Projecto
Fernando Tembe	Direcção Nacional de AEA	Chefe da Repartição de AEA
Graça Martins Chibale	Conselho Cristão de Moçambique	Coordenadora de Educação
Helena Skember	Concern Universal em Moçambique	Directora do Programa
Isidro Joaquim	UATAF	Director Executivo
João Saide	Direcção Provincial de Ed. do Niassa	Chefe da Repartição de AEA
Jorgina Vicente	Direcção Provincial de Ed. Zambézia	Chefe da Repartição de AEA
Karin Fueg	Helvetas em Moçambique	Directora do Programa
Rodrigo A. Sepulveda Lopez	Cooperação Técnica Alemã (GTZ)	Assessor Educação Não-Formal
Simões Lino Caipendua	Direcção Provincial de Ed. de Gaza	Chefe da Repartição de AEA